

Trabalhos Científicos

Título: Desigualdades Regionais E Causas Evitáveis De Mortalidade Neonatal No Brasil (2019–2023): Uma Análise Estratégica Para Políticas Públicas

Autores: MARIANA MATIAS DE LIMA HOLDEFER (SES/GO), FLÁVIO HENRIQUE ALVES DE LIMA (SES/GO), YRKLAYNE FRAGOSO DA SILVA RIGOLIN (SES/GO), ÁUREA REGINA PEDROSA DE OLIVEIRA (SES/GO)

Resumo: Introdução: A mortalidade neonatal permanece como um dos mais sensíveis indicadores da qualidade da atenção à saúde materno-infantil e do grau de equidade nos sistemas de saúde. Apesar dos avanços expressivos no enfrentamento da mortalidade infantil no Brasil nas últimas décadas, a fase neonatal – particularmente os primeiros sete dias de vida – segue concentrando a maior parte dos óbitos entre menores de um ano, muitos dos quais seriam evitáveis com intervenções oportunas e efetivas. Este cenário impõe um desafio estratégico à saúde pública: como reduzir, de forma equânime e sustentável, as mortes neonatais em um país de dimensões continentais e profundas desigualdades regionais?
Objetivos: Analisar a mortalidade neonatal no Brasil (2019–2023), com foco em causas evitáveis e desigualdades regionais, propondo estratégias para reduzir iniquidades e subsidiar políticas públicas.
Metodologia: Trata-se de estudo descritivo com dados secundários do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) e Sistema de Nascidos Vivos (SINASC). Foram analisados óbitos neonatais (0–27 dias), desagregados por região geográfica, faixa etária (0–6 dias e 7–27 dias) e categorias de evitabilidade segundo critérios do Sistema Único de Saúde.
Resultados: Os resultados apontam queda de 13,4% nos óbitos precoces e de 7,4% nos tardios no período. Em 2023, 74,1% dos óbitos precoces e 70,3% dos tardios foram considerados evitáveis. As regiões Norte e Nordeste apresentaram os maiores percentuais de mortes evitáveis, enquanto Sudeste e Sul mantiveram os menores. No período neonatal precoce, observa-se uma trajetória consistentemente decrescente nas regiões Sudeste e Sul, com taxas anuais de redução variando entre -0,9% e -4,8%. A região Norte apresentou maior variabilidade interanual, mas encerrou o período com uma redução acumulada de 1,5% em relação a 2019. Em contraste, a mortalidade neonatal tardia demonstrou um padrão mais instável, com flutuações positivas em diversos anos analisados. Particularmente relevante foi o aumento de 16% registrado na região Centro-Oeste em 2023, que contrasta com a tendência geral de redução observada no período neonatal precoce.
Conclusão: Os achados indicam persistência de desigualdades estruturais e falhas na continuidade do cuidado neonatal. Propõe-se um conjunto de cinco eixos estratégicos para a redução dos óbitos, com foco na reorganização da rede perinatal, qualificação de profissionais, seguimento pós-alta, fortalecimento dos sistemas de informação e enfrentamento das desigualdades regionais. Conclui-se que a redução da mortalidade neonatal no Brasil exige ações direcionadas, sustentadas por evidências, com articulação federativa e foco na equidade. Reverter o quadro de desigualdades exige mais do que expandir estruturas: requer fortalecer a governança regional, aprimorar a qualidade do cuidado, qualificar equipes, garantir a continuidade da atenção desde o pré-natal até o pós-parto e incorporar práticas baseadas em evidências em todos os níveis de gestão.